

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA**

9,6
JN

**“O CONTEXTO HISTÓRICO DO RN NA DÉCADA DE
1980 ATRAVÉS DA OBRA DE LEOPOLDO NELSON”**

Alessandro Nunes Saraiva

**NATAL
1999**

ALESSANDRO NUNES SARAIVA

**“O CONTEXTO HISTÓRICO DO RN NA DÉCADA DE
1980 ATRAVÉS DA OBRA DE LEOPOLDO NELSON”**

*Monografia apresentada à disciplina Pesquisa Histórica II,
ministrada pela Professora Denise Mattos Monteiro, do
Curso de História da Universidade Federal do Rio Grande do
Norte, sob a orientação do Professor John Alex Xavier de Sousa*

NATAL

1999

*“- Quando,
olhar o Universo,
serão meus os astros?
- E quando,
olhar o infinito,
será minha a dimensão?
- O Universo,
é a extensão da angústia;
e o infinito,
penetra –
no meu cérebro à dentro.
Enquanto isto,
meu corpo se alonga
na distância ilimitada...
Do tempo,
que parece se estender,
tocando na eternidade.”*

(NELSON, Leopoldo. Trecho do **“Poema de verão”**
de 1978, dedicado à Margarida e Jovanka).

Dedicamos esta obra à simpática Dona Margarida,
fonte de inesgotável inspiração para o artista que
tornou possível este trabalho e à memória de
quem, também, dedicamos estes escritos.

AGRADECIMENTOS

Nossos agradecimentos ao Senhor da Vida, fonte de toda inteligência e de toda arte.

Agradecemos, também aos professores “Kokinho”, Alex, Aurinete, Denise, Fátima e Conceição, que direta ou indiretamente colaboraram para este trabalho; ao professor Jacilane Barreto pelas correções ortográficas e pelas traduções; à família de Leopoldo Nelson, em especial ao Gustavo, que me abriu as portas; aos companheiros da Universidade e familiares prestimosos, sem os quais não teríamos chegado até aqui. Muito obrigado e muita luz!!!

SUMÁRIO

RELAÇÃO DE ILUSTRAÇÕES	07
INTRODUÇÃO	09
1. PORQUE E COMO USAR ARTE NA HISTÓRIA	11
1.1. O que é arte	11
1.2. Abordagem do objeto de arte	12
1.3. Arte como fonte histórica	12
1.4. Porque Leopoldo Nelson	14
1.5. Análise histórica	15
2. CARACTERÍSTICAS DA OBRA DE LEOPOLDO NELSON	18
2.1. O homem	18
2.2. Procedimento	21
2.3. A Obra	22
3. HISTÓRIA PELA ARTE DE LEOPOLDO NELSON	29
3.1. A década de 1980 no Brasil, no mundo e no RN	29
3.2. Arte enquanto fonte histórica	31
3.3. O mundo em Leopoldo Nelson	32
3.4. A questão rural	34
3.5. A miséria	35
3.6. Referências à Ditadura Militar	37
3.7. O imaginário	38
CONCLUSÃO	42
BIBLIOGRAFIA	44
ANEXOS	47

RELAÇÃO DE ILUSTRAÇÕES

1. "São João escrevendo o Apocalipse" (tinta acrílica sobre tela – 70x50, 1989)
Coleção Armando Meroni / Natal – RN..... p. 15
2. "Tortura e morte no campo" (tinta acrílica sobre tela – 90x70, 1989)
Coleção Franco Peretti / Lugano – Suíça..... p. 15
3. "Mendiga" (tinta acrílica sobre tela – 80x60, 1989)
Coleção Margarida Bittencourt Leite / Natal – RN... p. 19
4. "São Francisco de Assis" (tinta acrílica sobre tela – 70x50, 1989)
Coleção Odiléia Mesquita / Macaíba – RN..... p. 20
5. "A violência social nos EEUU" (óleo sobre tela – 80x50, 1986)
Coleção Franco Peretti / Lugano – Suíça..... p. 20
6. "Réquiem pelos desaparecidos" (óleo sobre tela – 70x50, 1983)
Coleção Franco Peretti / Lugano – Suíça..... p. 20
7. "A tentação de frei Damião" (óleo sobre tela – 90x70, 1984)
Coleção Gueiroid Geppet / Natal – RN..... p. 24
8. "Palestina Sofrida" (óleo sobre tela – 70x50, 1987)
Coleção Sami Elali / Natal – RN..... p. 24
9. "Cristo Morto" (tinta acrílica sobre tela – 1.30x80, 1989)
Coleção Francisco Bittencourt / Natal – RN..... p. 25
10. "O Colosso" (óleo sobre tela – 1.20x1.00, 1987)
Coleção Akira Motooka / Natal – RN..... p. 32
11. "A imbecilidade da guerra" (óleo sobre tela – 1.20x1.00, 1987)
Coleção Armando Meroni / Lugano – Suíça..... p. 32
12. "Réquiem por Chico Mendes" (tinta acrílica sobre tela – 80x70, 1989)
Coleção Olímpio Maciel / Natal – RN..... p. 33
13. "Sertão de Caicó: terra seca e carroça abandonada" (tinta acrílica sobre tela 80x60,
1989) – Coleção Armando Meroni / Natal – RN..... p. 34
14. "O curral das éguas" (óleo sobre tela – 80x50, 1986)
Coleção Vercio Costa / Natal – RN..... p. 36

15. "Pronto Socorro: criança faminta" (tinta acrílica sobre tela – 80x60, 1989)
Coleção Franco Peretti / Lugano – Suíça..... p. 36
16. "Boina Gris" (tinta acrílica sobre tela – 80x60, 1989)
Coleção Adilméia Hentz / Natal – RN..... p. 37
17. "O Sermão da Montanha: a bem-aventurança" (tinta acrílica sobre tela – 70x50,
1989) – Coleção Eider Leite / Natal – RN..... p. 39
18. "Frei Damião Bozzano: confessando uma beata" (tinta acrílica sobre tela – 80x60,
1989) – Coleção Bassi Maurizia / Suíça..... p. 39
19. "A criação – Beth" (tinta acrílica sobre tela – 70x50, 1989)
Coleção Erineide Leite / Natal – RN..... p. 40
20. "O Apocalipse – Teth" (tinta acrílica sobre tela – 70x50, 1989)
Coleção particular / Natal – RN..... p. 41
21. "Auto Retrato" (óleo sobre tela – 70x40, 1988)
Coleção Margarida Leite / Natal – RN.... p. 41

INTRODUÇÃO

Nosso objeto de estudo será o contexto sócio-econômico e político do Rio Grande do Norte, na década de 1980, através da obra do pintor norte-riograndense, Leopoldo Nelson de Souza Leite (Natal-RN, 1940-1994).

Não pretendemos reescrever a história do período citado, mas fazer uma leitura do momento através de fontes não-oficiais, afinal o período era de muita censura e o que se escrevia e chegava a ser publicado, de modo geral, era a palavra dos generais. Mesmo sob a égide da pacificação e da transição democrática, sabemos que a tensão era muito grande e que a liberdade de expressão, reduzida. Nos reportamos a este momento histórico de transição por acharmos que a gênese da redemocratização do país está ainda deveras presente em nossas vidas.

E como seria possível estudar a década de 1960 e a ascensão do Regime Militar, por exemplo, onde a sociedade organizada era tolhida de suas manifestações, os dados eram forjados e a atuação política se limitava ao “sim” e “sim, senhor”, senão pela ótica genial de Gilberto Gil, Caetano Veloso, Chico Buarque, Geraldo Vandré e tantos outros? “Engraçado” não nos lembramos de nenhum artista norte-riograndense para citar.

Procuraremos, através do estudo de suas pinturas descobrir algumas de suas influências ou confirmar outras que nos são indicadas pela bibliografia a respeito. Buscaremos uma compreensão sobre as características do artista sem rotulá-lo, amarrá-lo a nenhum estilo.

A obra de Nelson é validada como fonte histórica, na medida em que se trata de um elemento bastante representativo no contexto social que o abriga. Além dos depoimentos picturais desse artista e cientista da classe média natalense, pesquisaremos em livros que façam uma análise histórica do período e livros de arte, para estabelecermos um paralelo entre o dado fornecido por ele e os dados oficiais.

Entendemos que o estudo da sociedade não se faz sem o estudo do indivíduo e vice-versa, na medida em que existe uma relação dialógica entre eles. Além disso, como em um

holograma, o indivíduo pode nos revelar o todo, assim como pelo todo, é possível apreender o uno.

Este estudo se dividirá em três capítulos, além desta introdução e da conclusão. O primeiro: **“Porque e como usar arte na História”**, trata exatamente de porque escolhermos fontes alternativas aos documentos oficiais, como obras de arte, por exemplo e quais os mecanismos empregados para conseguir tais objetivos.

Em **“Características da Obra de Leopoldo Nelson”**, o capítulo seguinte, procuramos identificar elementos criadores do artista e estabelecer comparações com a obra de outros artistas. Finalmente, no capítulo **“História pela arte de Leopoldo Nelson”**, anelamos levantar alguns momentos históricos importantes para aquele período e que o são certamente até hoje, na medida em que somos herdeiros do passado, sobretudo de um passado tão recente.

Nada mais propício do que este estudo sobre a arte norte-riograndense, a transição política dos anos 1980, com seus efeitos sociais e alguns eternos e atemporais conflitos da natureza humana, em um momento em que se busca uma identidade.

Uma identidade nacional (e regional), em meio ao processo de diluição cultural patrocinado pela globalização, em um ponto em que se questiona com mais liberdade os efeitos nefastos do Regime Militar (1964-1985), e em que o homem – às portas do terceiro milênio - se volta mais para si mesmo e percebe que muitos dos seus conflitos são os mesmos dos seus antepassados.

Pedindo permissão acadêmica para citar um artista do Rio Grande (do Sul): *“Você, que tem idéias tão modernas / É o mesmo homem que vivia nas cavernas.”*¹

¹ GESSINGER, Humberto. Longe demais das capitais. CD, música n. 11.

1. PORQUE E COMO USAR ARTE NA HISTÓRIA

1.1.O que é arte

A “leitura” que eu faria da palavra arte é a de que é algo inerente ao ser humano e que – quando em sua acepção verdadeira – flui de sua natural sensibilidade como uma lágrima flui espontaneamente por um rosto macerado, ou como um sorriso infantil brota sincero. Eu li bastante sobre arte – e, embora nunca achemos que é o suficiente, pois a arte está sendo constantemente escrita – sei que poderia empregar com segurança muitos bons conceitos sobre o assunto, e mesmo assim, até por ter feito esta pesquisa, opto por não permitir a ninguém conceituar a “arte” neste trabalho. Posto que é algo extremamente subjetivo e só eu sei como eu “leio” arte, conceitos e formas. E essa “leitura” tem tudo a ver com o desenvolvimento deste estudo.

É isso, uma produção espontânea e natural no meio material, que reproduz a realidade captada por mentes sensíveis e intuição direcionada. Assim, em uma verdadeira obra de arte, temos um retrato do mundo físico e mental do autor, da transformação no meio material, através das lentes das emoções e dessas próprias emoções que interagem na realidade que o cerca, modificando-as, assim como promovendo alterações desta realidade no universo do autor.

Esse turbilhão de emoções geradas a partir desses mundos que coexistem, e são captados, é que move as pernas de uma bailarina, o dedilhar de um violonista, o martelo que exculpe, o lápis que projeta, o rosto que denota a emoção na ribalta, o pincel que desliza sobre a tela, ou como no nosso caso – as mãos que descrevem formas, símbolos, cores e principalmente, e barrocamente, emoção.

1.2. Abordagem do objeto de arte

Quanto à abordagem feita ao objeto de estudo, ou seja, a obra de Leopoldo Nelson, buscaremos vasculhar os recônditos das telas, granjeando os registros feitos pelo autor, da maneira mais inteligente possível, e o homem hoje – por suas experiências passadas – parece caminhar para a compreensão de que não deve se furtar nem do seu lado racional, preciso até o limite da coerência, e do seu lado intuitivo, sensível, emocional. Com ambos aliados e limitadores caminharemos inteligentemente. Sim, porque como disse o iluminista Barão de Montesquieu, não falando em arte, mas sobre tripartição do poder político, portanto em outra perspectiva:

“Todo aquele que tem o poder tende a abusar dele. Para que não haja abuso, é preciso organizar as coisas de modo que o poder seja contido pelo poder.”²

Assim, buscaremos fazer com que razão e emoção, sensibilidade e lógica, intuição e raciocínio cooperem conosco. cremos que isso é fazer ciência. Não hoje, mas desde sempre. Muito embora, quase nunca ou quase ninguém o tenha compreendido.

Tentaremos, também, não oferecer respostas definitivas, pois em se tratando de um objeto de estudos tão complexo como um estudo histórico através da criação de um artista, creio que não existam tais respostas, sendo todos os resultados capazes de evoluir e de se permitirem uma busca mais acurada ou sob um outro ponto de vista.

1.3. Arte como fonte histórica

O pesquisador John Alex Xavier de Sousa, em sua dissertação de mestrado é bastante feliz em afirmar que é a arte que nos liberta do cientificismo bitolador:

“Apenas pela via da arte poderemos recompor a mutilação causada à humanidade

² NUMERIANO, Roberto. O espírito das leis. p. 5.

(pela ciência e pela religião).”³ Em verdade, a arte tem sido negligenciada pelos “doutos do academicismo” em todas as circunstâncias de nossa existência social. Mesmo nas universidades – onde se supõe haver mais sabedoria e discernimento – e cursos como História, parece que a maior parte dos professores apenas acha digno o estudo de elementos econômicos, políticos e sociais (e neste caso quando se refere à luta de classes).

Contudo, de que forma poderíamos estudar o período em que o Brasil foi governado por Getúlio Vargas (1930-1945), nos limitando as fontes oficiais do hábil ditador, às autobiografias personalistas ou aos hinos de nacionalismo ingênuo. Ou confiarmos nas fontes fornecidas por Stálin, líder soviético, para entender o seu governo de 1924 a 1953, quando hoje sabemos que o mesmo chegou a adulterar registros fotográficos em benefício próprio. Como entender o modo de vida dos africanos no Brasil, apenas pelas fontes oficiais dos escravocratas, ou se nos remetêssemos tão somente à sua organização política ou econômica, supondo que fosse possível haver alguma entre os escravos detidos nas senzalas como animais, a serviço do capitalismo selvagem, a não ser, lançando os olhos sobre a sua culinária, os seus cânticos e suas danças cerimoniais? Assim entendemos a história que se escreve, mas que, também, se rima, que se pinta.

De fato, a obra de arte é um dos registros históricos mais confiáveis, posto que é explicitamente parcial, o que quase nunca se aplica às fontes oficiais. Outro aspecto é que a arte pode ser compreendida por uma pessoa de qualquer tempo, qualquer escolaridade ou qualquer cultura. Digo “pode”, potencialmente, visto que nem todos a compreendem, apesar de possuir linguagem universal. Segundo Sousa:

“Se o homem no seu percurso de construção histórica conseguiu estabelecer uma linguagem universal, homogênea, falhou ao chamá-la de esperanto, ou de lingua inglesa, uma vez que tal universalidade da

³ SOUSA, John Alex Xavier de. Pérolas (Ir) regulares: arte e cultura nos templos barrocos do nordeste do Brasil. p. 12.

linguagem compreende, substancialmente, os componentes da vida expressos pela arte.”⁴

1.4. Porque Leopoldo Nelson

Dos 374 títulos, especificamente sobre “arte” de que dispõe a Biblioteca Central Zila Mamede (pertencente a UFRN), apenas um fala sobre a arte do Estado: o livro do insigne Sr. Iaperí Araújo, “Elementos da Arte Popular”⁵. São apenas 86 páginas para o Rio Grande do Norte! Esse exemplar único – que também é a única publicação da Universidade sobre o tema (disponível nessa biblioteca, que é a principal fonte de consulta do Campus e portadora do maior acervo da UFRN) concorre com três ou quatro volumes destinados a Pernambuco. E é só, para o Nordeste⁶.

A escolha da obra – no caso, de pinturas – de um artista norte-riograndense (Leopoldo Nelson) se justifica plenamente pela carência de estudos do tipo, no meio acadêmico, sobretudo sob uma perspectiva histórica, conforme ficou minimamente demonstrado. Como carioca residente em Natal, sinto-me na obrigação de estudar e analisar a arte da cidade (e do Estado), através de um de seus muitos expoentes, pois mui digna é a arte que produz alguém como Newton Navarro, Dorian Gray, Iaperí Araújo e porque não dizer Leopoldo Nelson.

Ele se presta plenamente a esse intento devido à riqueza de sua produção artística, visto que apesar da variedade de suas temáticas há sempre espaço para uma abordagem social, pois até os santos, como o São João – da obra “São João escrevendo o apocalipse” (**fig. 1**) possuem uma estreita ligação com qualquer uma de nossas temáticas sociais. No caso, o Santo poderia ser identificado com qualquer um dos líderes messiânicos, como Antônio Conselheiro, por exemplo, seja no formato do rosto, seja na tórrida vegetação palestina - ou nordestina – reforçada pelo vermelho

⁴ Ibid., p. 12.

⁵ ARAÚJO, Iaperí. Elementos da arte popular.

⁶ Esse levantamento foi feito em Novembro de 1998 e não o repetimos por não julgarmos que tenha havido uma mudança radical em tal situação.

vivo, ou pelos desfolhados e sofridos galhos ariscos. Ou, ainda pelo sol que se reflete no corpo do homem santo, ou seria uma luz divina?



(figura 1)



(figura 2)

Já no título da obra “Tortura e morte no campo” (fig. 2) ele deixa cristalina a sua preocupação com a questão social, mais especificamente com a questão da exploração do trabalho rural e dos mandos e desmandos dos “coronéis”, da violência contra o trabalhador. Elementos tão em moda como estes, devido à polêmica causada pelo MST (Movimento dos Sem-Terras), e que eram preocupações já na década de 1980, em que se baseia o nosso estudo, são perfeitamente estudadas, se partirmos das obras de Nelson. Os livros que consultamos – e devemos consultar – como complemento nos enriquecem de detalhes, mas confirmam os registros do pintor.

1.5. Análise histórica

Nossa compreensão da História passa por alguns pressupostos que vamos brevemente expor, no sentido de elucidar o tratamento de nossos objetos de estudo, ou seja, um contexto histórico, através de registros picturais.

A primeira coisa a ficar clara é que o artista e o meio em que vive estão em perpétua relação, sendo que esta relação é dialógica ⁷, permitindo assim um diálogo maior do que seria uma dialética aristotélica ou hegeliana. Valendo salientar que este

⁷ CASTRO, Gustavo de, CARVALHO, Edgar de Assis, ALMEIDA, Maria da Conceição. Ensaio de complexidade. p. 107.

diálogo nem sempre é harmônico, havendo aí as transformações históricas, reformas e revoluções. Em outras palavras, o homem que é influenciado pelo meio também o influencia, sendo o sujeito – todo sujeito, em maior ou menor número é agente histórico. Como asseverou Sousa, em sua já citada dissertação de mestrado: *“Tendo saído deste ou daquele meio, o gênio é um criador de meios novos ou modificador de meios antigos.”*⁸

O segundo ponto, que apressamo-nos em deixar claro, ainda dentro do embasamento teórico norteador desta abordagem é que não há “a” verdade, ou “o” caminho a ser trilhado, em se tratando de sistemas de análises complexas como os que envolvem o ser humano, como supunham os positivistas. A ciência moderna, mesmo nos ramos que chamaríamos de “ciências exatas”, passa a crer não em certezas, mas em probabilidades, em análises onde há muitas variáveis. Isso sem cair no relativismo que destoaria dos critérios científicos, hora empregados. Há alguns pontos em que vários estudos feitos nos podem conduzir a uma margem de acertos bem maior. Cremos que tudo, inclusive nossa abordagem pode ser passível de contestações. Ou haveria uma “teoria unitária”? Concordamos com Rosnay que não:

*“Um dos mais graves perigos que ameaçam a abordagem sistêmica é a tentação da ‘teoria unitária’, do modelo englobante com resposta para tudo, capaz de tudo prever.”*⁹

Outro ponto que queremos ressaltar, dentro de nossa abordagem, é a compreensão de que através de uma inserção histórica na Obra de Nelson, é perfeitamente possível obter uma noção do todo, através do que é defendido na obra “Ensaio de Complexidade” supracitada, como o princípio hologramático: *“Não apenas a parte está no todo, mas o todo está na parte.”*¹⁰ Ou seja, através de um registro feito por um elemento do todo social – e feitas as devidas ressalvas – poderemos vislumbrar a sociedade.

⁸ BASTIDE, in SOUSA, John Alex Xavier de. Op. cit. p. 30.

⁹ ROSNAY, Jöel de. O macroscópio: para uma visão global. p. 124.

¹⁰ CASTRO, Gustavo de, CARVALHO, Edgar de Assis, ALMEIDA, Maria da Conceição. Op. cit. p. 108.

Por fim, nossa visão se baseia na concepção macroscópica, muito bem trabalhada por Joël de Rosnay, a de que devemos – como cientistas, ou como simples observadores – buscar o todo, o global, mas sem perder os detalhamentos das partes, dos vários aspectos. Em outras palavras, seria uma abordagem analítica e sistêmica ao mesmo tempo, pois nem os aprofundamentos vitais seriam negligenciados, nem a visão da totalidade seria perdida. De modo genérico, podemos dizer que isto não vem ocorrendo no meio acadêmico. Ou se busca uma visão excessivamente genérica ou se fixa num detalhismo limitador, que além de maçante faz com que se perca a noção do todo onde está inserido o aspecto estudado.

“Sem ser exaustivo, este quadro tem a vantagem de situar dois tipos de abordagem complementares, um dos quais (o analítico) foi favorecido de maneira quase desproporcionada em todo o nosso ensino.”¹¹

Pelo direcionamento proposto, é que pretendemos vasculhar os registros passados, e escrever a história, sem messianismo, mas com um mundo de pretensões, sem limitações micro ou macroscópicas, sem privilegiar qualquer aspecto que seja, apesar de nos propormos a um corte cronológico, e, no entanto, buscando o que um ou outro modelo de análises tem a oferecer para avançarmos ao menos um passo numa compreensão do objeto histórico que nos propusemos a estudar.

¹¹ ROSNAY, Joël de. Op. cit. p. 106.

2. CARACTERÍSTICAS DA OBRA DE LEOPOLDO NELSON

2.1. O homem

Nosso estudo se deterá no contexto sócio-econômico e político do Rio Grande do Norte, na década de 1980, através do pintor norte-riograndense Leopoldo Nelson de Souza Leite (Natal-RN, 1940-1994).

Leopoldo Nelson foi pintor e desenhista, além de médico. Fruto da geração 60, era auto-didata, como a maioria dos artistas do Estado, em virtude da ausência de escolas de formação artística. Gostava muito de ler, e lia todas as publicações disponíveis sobre o tema “arte”, além de Rilke, Goethe, Kafka, Jung e Freud¹². Apesar de não descuidar da questão social, a sua marca registrada era a dramaticidade. Sobre o aspecto que mais interessa a nossa pesquisa – o social – observamos na obra do artista elementos preciosos. Recorrendo a Iaperi Araújo:

“Apaixonado pelas coisas do povo, seu principal tema, sem focalizar o subdesenvolvimento, utiliza-o num protesto sob forma de esquálidas figuras do submundo do lixo e das favelas.”¹³

Apaixonado pelas coisas do povo, sem dúvidas, mas discordamos de Araújo, por entendermos que ele focalizava sim, o subdesenvolvimento, muitas vezes, protestando, como o próprio crítico o disse. Vide obras como “Mendiga” (fig. 3), para dirimir as possíveis dúvidas sobre nossa afirmação.

¹² LEITE, Leopoldo Nelson de Souza. Gravuras e fragmentos autobiográficos, passim.

¹³ Apud CALDAS, Dorian Gray. Artes plásticas no RN: 1920-1989. p. 226.



(figura 3)

Assim era o homem Leopoldo Nelson, que poderia simplesmente exercer a Medicina nas várias especialidades em que trabalhou, seja como professor de Fisiologia da UFRN ou como psiquiatra, viver sua vidinha de homem letrado de classe média alta em Natal, dedicando-se à sua amada esposa Margarida, escrevendo-lhes belos poemas de amor, como o fez.

Mas, Leopoldo não quis só isso, ele precisava dizer, precisava gritar, sua alma transbordava arte e ele bradava. Deixava escorrer por suas mãos o seu gênio criativo, a “desesperada energia” de que nos fala Bazin ¹⁴, referindo-se a Caravaggio, e que eu não exitaria em estender a Van Gogh e a Leopoldo Nelson.

A impressão que nos dão alguns artistas é a de que pintam por hobby, por virtuosismo ou por motivos econômicos, ou ainda para exercitar o narcisismo. Sem descartar estas características motivadoras, estes motivos comumente inconscientes, cremos que Caravaggio, Van Gogh e Nelson pintavam (ou pintam, pois partindo do princípio de que a alma é eterna, se assim o for, sem dúvidas, eles ainda pintam.) por absoluta necessidade!

Leopoldo Nelson tem obras espalhadas pelo mundo inteiro e por todo o Estado do Rio Grande do Norte, como por exemplo: painel em óleo sobre parede gessada no Diretório Acadêmico da Faculdade de Medicina da UFRN; painel na entrada da Biblioteca Pública Câmara Cascudo; painel em óleo sobre madeira no Hotel Vila do Príncipe (em Caicó-RN); a obra “São Francisco de Assis” (fig. 4), da Coleção de

¹⁴BAZIN, Germain. Barroco e rococó. p. 27.

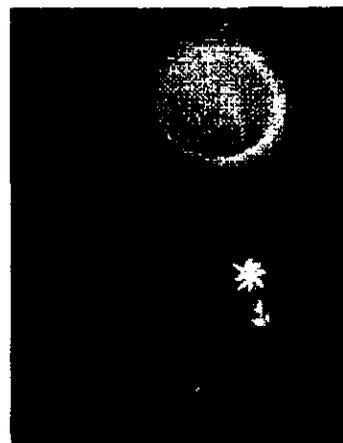
Odiléia Mesquita, que se encontra em Macaíba, no RN ¹⁵; as telas: “A violência social nos EEUU” (fig. 5) e “Réquiem pelos desaparecidos” (fig. 6), da Coleção Franco Peretti (Lugano - Suíça); e aquela que muitos consideram a sua obra prima: coleção de quatorze quadros a óleo sobre tela representando a via-sacra do Evangelho segundo São Mateus, que se encontram na Fundação José Augusto para restauração. Só para citar alguns, visto que a família estima (e isto é atestado por muitos estudiosos do assunto) que a Obra de Nelson entremeia de 1800 a 2000 quadros.



(figura 4)



(figura 5)



(figura 6)

O artista começou a expor em 1958. Deste ano até 1965, colocou seus desenhos na Loja Maçônica Filhos da Fé, em Natal. Após estes primeiros trabalhos em óleo sobre cartão expôs pinturas e gravuras até 1989, passando por Brasília, Espanha (onde morou por dois anos, cursando o Doutorado), Suíça, Estados Unidos, Alemanha, Japão, dentre outros. Em 1989, expôs quadros em tinta acrílica sobre tela na Biblioteca Câmara Cascudo (Natal-RN) e entre 1986 / 1989 houve uma mostra de seus trabalhos nas galerias da rede Ars Studio (Peretti & Co.), com filiais em Lugano, Londres, Paris e Nova York.

Uma coisa inevitável, a meu ver, em que incorrem todos os historiadores, que analisam uma personagem histórica é endeusar o agente em questão. Não sei se é

¹⁵ CALDAS, Dorian Gray. Op. cit. p. 227.

propriamente um erro, mas eu não sou exceção. Admiro profundamente o trabalho em que me debruço a estudar. E pretendo fazê-los admirá-lo.

2.2. Procedimento

Desejamos perceber, nos domínios da História, suas influências, sua técnica, as características da sua arte, para entender o mundo ao seu redor, e como ele o lê. A progressão do mundo, do país e do nosso estado, nessa transição política de tão vivas repercussões sociais, que foi a redemocratização do país (décadas de 1970 e 1980). Isso é possível devido à sua preocupação com as massas e com o homem em si. Sobretudo com os seus conflitos, inexoravelmente atrelados ao todo social. Muito embora, a obra de Nelson retrate uma realidade bastante subjetiva, de difícil acesso e irresistível convite. Afino-me, neste ponto, com Iaperi Araújo:

*“Quão complexo o mundo psicológico dos trabalhos de Leopoldo!
Nascidas da estruturação informal de uma comunicação visual perfeita,
as massas e as cores se integram dentro do contexto sociológico do
objeto.”¹⁶*

Apesar de - quase sempre - chafurdarem no anonimato, as artes do Rio Grande do Norte possuem tendências diversas, quase sempre impregnadas de influências das academias européias e das escolas “modernas” do eixo Rio-São Paulo e o caso de Leopoldo Nelson não nos parece ser distinto. Entretanto, nossas artes (assim mesmo, no plural) recebem elementos do folclore popular e seus artistas (mais anônimos ainda). Pretendemos desnudar, mesmo que em parte diminuta, esses caracteres da Obra Nelsoniana, sua relação com outros artistas, estilos e tendências, sem contudo, limitá-lo à qualquer Escola, estilo, tendência ou gosto. Não pretendemos “amarrar” a obra de Nelson, nem de ninguém, pois concordamos com o pensamento de Dorian Gray:

¹⁶ Apud NELSON, Leopoldo. Cronologia, críticas e depoimentos. p. 99.

“O que seriam as escolas se não fosse o homem, o pintor que, na sua angústia de criar, redescobre-se, amplia e modifica as regras aparentemente imutáveis?”¹⁷

Assim pensamos, posto que esses enquadramentos podem ser muito didáticos (e não o negamos) necessários, mas optamos por entendê-lo – mui limitadamente – mas, entrevê-lo e não rotulá-lo.

2.3. A Obra

Sua produção tem vários momentos, ou seja, nas várias temáticas, o criador se utiliza, inclusive de peculiaridades. Assim temos momentos em que predominam: os girassóis, os pinhais, há uma fase lírica, a das marinhas, a fase espanhola, e - com este simples trabalho - não poderemos abarcar toda esta produção (quase 2000 obras). No entanto, o nosso período de estudos, a década de 1980 – e seguimos também a um recurso didático de analisar um período de nossa história, sem perder de vista que, os anos anteriores influenciam o pensamento e os fatos do período proposto se desdobram no período posterior - nos deixa entrever tudo isso e o que lhes é comum: a preocupação com o ser humano, em sua personalidade e obra de atmosfera conflitante e apaixonante. No dizer de Cláudio Emerenciano:

“Nelson emerge diante dos seus, tanto amigos, quanto admiradores, pelo extraordinário exemplo de criatividade, de poder transportar-se para a totalidade da alma humana, revelando em sua criação a presença de sua existência na trepidação do tempo.”¹⁸

Alguns, como o próprio Dorian Gray Caldas identificam influências da arte espanhola (oriundas do período em que Nelson lá residiu), sobretudo de Goya e de El Greco, além de uma dita referência ao mestre Dalí. Eis o que Caldas afirma sobre a sua Obra:

¹⁷ CALDAS, Dorian Gray. Artes plásticas no RN: 1920-1989. p. 19.

¹⁸ Apud Id., ibid. p. 226.

“Denuncia violentações e injustiças sociais em sua pintura, carregada de intensa dramaticidade. Lembra, às vezes, a atmosfera dos quadros de Munch e Nolde, esteriotipados pelo grito de revolta.

(...) Uma coisa, todavia é permanente em toda a sua obra: o homem. Sua visão das ‘massas’ humanas conflitantes. A sua marca. Tragédia ou esperança, mas principalmente solidariedade no difícil caminho da arte participativa e autêntica.”¹⁹

Esta visão também é compartilhada por Roberto Pontual, em seu “Dicionário das Artes Plásticas no Brasil”, citado por Caldas: *“Tem-se dedicado a problemas teóricos de comunicação de massas.”²⁰* Configura-se aí, novamente o elemento humano como foco de sua arte, e a preocupação de Leopoldo de fazer história, ao registrar o mundo e o mundo do homem em suas obras, mesmo que se trate de um processo inconsciente, o que pelo engajamento de Nelson, não nos parece provável. Quando o público em geral puder ler o seu livro de 1989, “Canto Pelo Terceiro Mundo” (ainda inédito) esta possibilidade será definitivamente afastada.

No entanto, para retornar às supostas influências de Salvador Dalí, em princípio não nos parece provável, visto que o Surrealismo²¹ tem uma preocupação excessivamente individualista, com o insondável mundo psicológico do ser humano, ao invés de uma constante temática social e uma preocupação com as “massas” já citadas e perfeitamente observáveis em sua obra. Uma semelhança entre as obras “A Tentação de Santo Antônio”²² de Dalí e a “Tentação de Frei Damião” (fig. 7), de Nelson, não pode ir além dos nomes, da semelhança etmológica. Enquanto em Dalí, a metamorfose do real se nos parece apenas a libertação de um inconsciente onírico, a atmosfera de um sonho. O quadro de Nelson se exprime pelo vermelho vivo dos expressionistas e com traços menos rebuscados, do que o virtuosismo dos traços, por que não dizer,

¹⁹ CALDAS, Dorian Gray. Artes plásticas no RN: 1920-1989 p. 226.

²⁰ Apud Id., ibid., p. 226.

²¹ DESCHARNES, Robert, NÉRET, Gilles. Salvador Dalí. p. 8.

²² Não reproduzimos a obra pois esta, ao contrário da outra, se encontra disponível em várias publicações sobre o assunto. No livro supracitado se encontra nas páginas 146 e 147.

“clássicos” de Salvador Dalí. A obra de Nelson, embora seja tão sentimental quanto a outra e recorra aos mesmos elementos mitológicos - cruz e espada - não se apresenta onírica.



(figura 7)



(figura 8)

Todavia, é forçoso admitir que na obra “Palestina Sofrida” (fig. 8), há algo de surrealista. Talvez seja simplesmente o fato de termos analisado um pequeno número do total das obras de Nelson que nos faça questionar com tanta veemência a ligação entre os dois artistas. Lembrem-se de que não nos propusemos e não iremos ser taxativos em nossas interpretações. Este não é, sem dúvidas o derradeiro trabalho sobre Nelson. Apenas levantamos um véu.

Nelson personificou a alma do sertanejo, como atesta a manchete do Jornal de Natal, no Domingo do dia 3 de Setembro de 1989. Referindo-se a uma exposição do artista do mesmo ano, afirma o jornal: “*A força da Saga Nordestina.*”²³

²³ Apud NELSON, Leopoldo. Cronologia, críticas e depoimentos. p. 46.

Neste mesmo ano, em Dezembro, o pintor cede ao seu lado místico e trabalha com arte sacra, como ele mesmo afirma à Tribuna do Norte:

“Nesta exposição de dezembro, cedi aos apelos do lado místico da minha personalidade – meu outro Eu, e independente do homem racional e lógico que sempre se apresenta -, o complemento da minha sensibilidade, talvez, o resultado da minha formação cultural.”²⁴

A Arte Sacra, sem sombras de dúvida marcou profundamente a produção artística de Nelson. A inquietação causada pelo seu “Cristo Morto” (fig. 9), por exemplo não passa despercebida. Os olhos mais conservadores não conseguiram conviver com isso.



(figura 9)

O seu conjunto das 14 obras da “via-sacra segundo São Mateus” (detalhes das obras em anexo), por exemplo, foi extremamente desmerecida por ser muito “avançado”, ou seja, “impróprio” para ornamentar a “moderna” nave da Nova Catedral de Natal. Eu mesmo pude testemunhar esse preconceito, quando fui à Catedral. Alguém da Arquidiocese me recebeu educadamente, mas quando perguntei sobre as obras, respondeu: “Ah. Eu sei, umas com os olhos grandes, feias. Devem ter tirado

²⁴ Apud Id., ibid., p. 56.

porque o povo reclamava muito. Achavam muito feias.” Depois, descobri que foram enviadas à Fundação José Augusto para restauração.

Essas obras foram encomendadas pela Sra. Aida Cortez, esposa do então governador Cortez Pereira, em 1974 para ornamentar uma igreja a ser construída no Bosque dos Namorados. Como essa construção mostrou-se inviável, as obras foram doadas para compor o acervo plástico da Nova Catedral. O trabalho até este mês, permanecia nos porões da Arquidiocese, relegadas a segundo plano, necessitando inclusive de uma restauração. Este fato desgostou bastante a família do artista e a todos os apreciadores da boa arte.

Vejamos o que escreveu Woden Madruga ao analisar estas polêmicas obras:

*“... a sua Via Sacra e nela – um Cristo verdadeiramente homem. O Cristo pintado por Leopoldo é um homem simples, rude, sofrido, um Cristo nordestino: vaqueiro, lavrador, operário, pescador.”*²⁵

É isso que nos aproxima obra de Leopoldo Nelson, a sua nordestinidade, a sua expressividade, os dramas da vida real em sua arte, o ontem e o hoje em perpétuo contato. A sua solidariedade com as vítimas da Ku Klux Klan (fig. 5) e com um menino que morreu no Hospital Walfredo Gurgel, para quem escreveu um poema (ainda inédito). O seu réquiem para os “desaparecidos” pelo Regime Militar (fig. 6) e as poesias e quadros apaixonados para a eterna musa Margarida, flor que nunca murchoou ou perdeu o perfume.

Percebemos o global e o local convivendo na obra do artista. São: a Palestina, os Estados Unidos, a região do Seridó e, ao mesmo tempo, o seu quintal, o animal de estimação, o ateliê do seu imaginário, sua esposa, seus sentimentos mais íntimos e pessoais, unindo o homo sapiens de sempre ao homem nordestino da década de 1980.

Em suas obras poderíamos identificar características do expressionismo, como a emotividade que adultera a realidade formal, a preocupação social, as cores fortes e vivas, os sentimentos mais dramáticos do ser humano, e o desnudar de seu mundo

²⁵ Apud Id., *ibid.*, p.5

interior. Mas, não é só isso, com Leopoldo nunca é apenas isso, Expressionismo, Surrealismo, Barroco, Realismo, Van Goghismo, Fauvismo, Abstracionismo, ou o que for. Ter-se-ia que criar um estilo, o Nelsismo, para atender àqueles que precisam da segurança das classificações. Eu não o farei. Muito embora possa identificar características destas escolas e estilos.

Mas, depois que muitos estudiosos o analisaram, vamos ver como se definiu aquele que a jornalista Rejane Cardoso Serejo Gomes denominou: *“médico do real e pintor do imaginário.”*²⁶ - talvez, fosse o caso de chamá-lo “pintor do real e médico do imaginário” - no prefácio da obra ainda inédita, “Canto Pelo Terceiro Mundo”, assim se define o artista:

“Eu sou um poeta Barroco. Não me interessam nem Escolas, nem modismos em poesia. A alma do mundo atual é Barroca – apesar do avanço da técnica e da ciência.

“A alma do brasileiro continua sendo barroca. A técnica elevou o padrão de vida, mas não modificou o homem por dentro.(...)”

*“Máquinas de guerra! A fome utilizada como arma suja. O jogo do poder. A divisão da geografia no tabuleiro de xadrez dos países ricos.”*²⁷

Apesar de falar sobre a sua poesia, este é o artista Nelson falando. Observemos a sintonia com o mundo em que ele vive. Não por acaso, intitulou este texto de “Depoimento”.

Em outro momento, anos antes, nos deu mais uma pista, falando ao jornalista Vicente Serejo: *“Não busco a perfeição plástica, busco a dinâmica do processo criador.”*²⁸ Ou seja, ele comunga do pensamento barroco e contesta o classicismo. Ao invés da pretensa perfeição da técnica e do modelo estético ideal persegue liberar suas, por vezes, contraditórias emoções.

²⁶ Apud Id., ibid. p., 68.

²⁷ NELSON, Leopoldo. Canto pelo terceiro mundo. p. 5.

²⁸ Apud Id. Cronologia, críticas e depoimentos. p. 156.

Para evitar abordagens estanques, no próximo capítulo, na medida em que falarmos da História do Brasil, e do Rio Grande do Norte, na década passada, iremos fazendo outras análises de alguns dos quadros de Nelson, levantando assim, mais elementos para discussões posteriores. Não se trata “da” abordagem, mas de uma construção simples e sem grandes pretensões, afinal é o nosso primeiro olhar sobre estes quadros, e apesar do adágio popular, a primeira impressão nem sempre é a que fica. Até porque, como as obras barrocas, por exemplo, a Obra de Nelson não é estática, é constante, interativa e, portanto, está sendo constantemente construída. Talvez nesse conceito de eternidade dos gregos, em que o homem virtuoso é lembrado por suas obras, o nosso potiguar seja imortal.

3.HISTÓRIA PELA ARTE DE LEOPOLDO NELSON

3.1. A década de 1980 no Brasil, no mundo e no RN

É uma década que se inicia no Brasil e na América Latina com um processo de redemocratização devido à agonia dos regimes militares, outrora patrocinados pelos Estados Unidos e pelo capital internacional e que agora não lhes servem mais. Todavia, essa transição vai ser um processo “lento, gradual e seguro”, como propôs o seu articulador, o então presidente general Ernesto Geisel (1974-1979), isso, é claro, para não comprometer os interesses dos mantenedores do Regime.

É o período do fim da censura – o que vai permitir aos artistas fazer suas críticas, seus desabaços, sem ter que se valer de sutilezas intelectuais – e da anistia política, que permite o retorno ao país de intelectuais, políticos e artistas, mas que infelizmente, beneficia os criminosos, a serviço do sistema, e em serviços que sistema algum poderia validar.

É o momento de manipular a euforia das massas, que passam a sorver a cidadania democrática, em prol de uma corja política que colaborou com a Ditadura, e agora, pelo PDS, ou mesmo pelo PMDB (caso de José Sarney ou Aluísio Alves) passa a travestir-se de mansuetude e espírito democrático. Sobre as eleições de 1982, no Rio Grande do Norte, afirma Machado:

“Homologadas em convenções, no mês de julho, as chapas dos candidatos ao Governo do Estado – José Agripino e Radir Pereira pelo PDS, Aluísio Alves e Pedro Lucena pelo PMDB-, começa a campanha eleitoral que levaria às ruas milhares de pessoas em comícios, vigílias cívicas e passeatas a pé.(...)”

“O Estado vive um clima de festa democrática em todas as cidades. O povo quer escolher, pelo voto direto, o seu Governador após doze anos de jejum. Não quer mais ser monitorado por tutores.(...)”

“José Agripino, empresário vitorioso, exercendo seu primeiro cargo público – a Prefeitura de Natal -, se defrontava nas ruas com o ex-governador Aluizio Alves – quatro mandatos de deputado federal, ex-secretário da extinta UDN...”²⁹

Um leitor menos avisado teria dificuldades em perceber o período político de que trata o fragmento de texto, visto que os envolvidos no cenário político da década passada estão em evidência até hoje.

É o momento, também de assistir ao desmoronar da hipocrisia econômica engendrada pelo Ministério da Fazenda, sobretudo por Delfim Neto, com seu “Milagre Econômico” de obras faraônicas e dados fraudulentos, gerando o galopar inflacionário que vai ser o centro de preocupações do Governo Sarney (1985-1990).

Mas, é tempo de elaborar uma nova Constituição para o país (1988), que apesar dos pesares, apesar das bancadas ruralistas, comprometidas com interesses mesquinhos, apesar dos lobbies dos empresários – que visam manter a estrutura de controle do operário - é um passo em direção a uma democracia, que ainda não alcançamos, pois não dá para exercer cidadania de estômago vazio. Sobretudo, na segunda metade da década de 1980, é o momento da sociedade organizada agir, seja na campanha das “Diretas-já”, ou na reestruturação do movimento sindical. Citando Mendonça e Fontes:

“A segunda metade dos anos 80 dá conta de uma participação expressiva dos movimentos sindicais nos grandes debates políticos, mormente a elaboração de uma nova constituição. Com isso, visavam assegurar os direitos dos trabalhadores, bem como minimizar o caráter socialmente excludente e politicamente controlador presente nas Constituições anteriores. Embora devendo entrar em confronto com os já citados lobbies do empresariado em prol

²⁹ MACHADO, João Batista. Como se fazia governador durante o regime militar: o ciclo biônico no RN (de 1970 a 1982). p. 95 e 96.

da manutenção da estrutura corporativa, ganhos reais podem ser apontados. Dentre eles, a redução da jornada de trabalho semanal, a compensação real por perda de emprego sem justa causa,...”³⁰

A década de 1980 assiste ao fim da Guerra Fria, com o iminente colapso do bloco Soviético, e manutenção da bipolarização mundial, cada vez maior, sendo que entre os países ricos e as nações periféricas do Sistema Capitalista, e os conflitos milenares entre árabes e israelenses – que parecem eternos. Assistimos à sublimação das tecnologias e o seu equivocado direcionamento. Se pensarmos, por exemplo, nos incontáveis dólares gastos na corrida armamentista e, em especial, no “Programa Guerra nas Estrelas”, desenvolvido pelos Estados Unidos, dá até vontade de pintar...

3.2.Arte enquanto fonte histórica

Não pretendemos reescrever a História do RN, do Brasil ou do Mundo, na década de 1980, os fatos foram e devem continuar sendo analisados, mas não é isso a que nos propomos, pelo menos não de forma direta. Contudo, é perfeitamente possível observarmos determinados aspectos do período, através das visões de Leopoldo Nelson. Buscando sempre o enfoque ou o paralelo com o nosso Estado, com as peculiaridades da nossa região, nos propomos a fazer história por quem fez arte. Talvez, unificar a sensibilidade criadora do artista com critérios científicos de análise possa parecer algo paradoxal, mas como já foi exposto, não acreditamos em antagonismos excludentes, e sim em complementariedades, embora, nem sempre harmônicas. É possível fazer um paralelo entre a aplicação da História e da Sociologia, e suas dificuldades comuns, no texto de Costa:

“Talvez a sociologia da arte seja em si mesma um paradoxo – a tentativa de compatibilizar uma teoria científica e um modelo racional de análise da sociedade com o universo da sensibilidade e da linguagem, no qual outros parâmetros da relação do homem com o mundo estão em jogo. Transpor

³⁰ MENDONÇA, Sônia Regina de, FONTES, Virgínia Maria. História do Brasil recente: 1964-1992. p. 95.

essa dualidade e, ao mesmo tempo, trabalhar com a capacidade de interpretação da ciência e com o significado dos símbolos plásticos, visuais ou sonoros têm sido desafios do sociólogo da arte.”³¹

E porque não dizer, também, do historiador. Mas, se por um lado nos é apresentado como uma tarefa difícil, parece-nos, também, bastante estimulante e recompensadora.

“Descobrir as inter-relações da vida social e de suas formas de expressão estética, e analisar os aspectos sociais das manifestações artísticas e o caráter estético da vida social...”³²

Por isso, este estudo sobre arte norte-riograndense, a transição política dos anos de 1980, com seus efeitos sociais – ao menos, alguns deles – além de eternos e atemporais conflitos da natureza humana, como a angústia do homem sensível diante da sociedade que ainda, não pode mudar, e a validade de sua ação política através da denúncia social, que – apesar disso – precisa fazer. Em um momento em que se busca uma identidade nacional (e regional) em meio ao processo de diluição cultural patrocinado pela Globalização, em um ponto no qual se questiona com mais liberdade os efeitos nefastos do Regime Militar, e em que o homem – às portas do terceiro milênio – se volta mais para si mesmo e percebe que muitos dos seus conflitos são os mesmos dos seus antepassados. Escrever, um parágrafo que seja, desta nossa história é o que nos propomos.

3.3.O mundo em Leopoldo Nelson

Leopoldo era um homem culto, todos os depoimentos sobre ele apontam para isso. Alguém que lia muito – e que parecia entender e se ocupar de questões da política internacional, e de emitir opiniões, aproximando a realidade do mundo, com a realidade no Brasil, e no Estado, na medida em que parece entender que tudo está encadeado.

³¹ COSTA, Cristina. *Arte: resistências e rupturas (ensaios de arte pós-clássica)*. p. 9.

³² *Ibid.* p. 9.



(figura 10)



(figura 11)

Em sua obra “O Colosso” (**fig. 10**), temos uma visão apocalíptica! É o fogo, são as sombras, os quintais demarcados, a favela ou a cidade, os destroços do outrora grande. Parece denunciar o termo que o homem põe a si próprio, ao seu mundo. Em meio a sombras fantasmagóricas, há figuras distorcidas e um a explosão de cores, que faz tingir o mundo do quadro de vivas e desencontradas emoções. É – provavelmente - uma referência a uma obra homônima de Francisco José Goya e Lucientes (1746-1828), que como Nelson, denuncia os horrores da guerra. O tema vai ser retomado em “A Imbecilidade da Guerra” (**fig. 11**), cujo título nos parece muito apropriado. Há mãos, espadas, cercas, armas, explosões, há morte e há – novamente - favelas... e sangue gotejando!

Na tela “Violência Social nos Estados Unidos” (**fig. 5**), a preocupação do artista com o desmoronar do sonho de liberdade norte-americano é apreciável, sobretudo quando vemos ao lado das máscaras horrendas de membros da Ku Klux Klan e da cruz queimando – possível referência à perda da fé – e outra favela. Daqui ou de lá?

A “Palestina Sofrida” (**fig. 8**) possui algo de surrealista, pois há uma atmosfera totalmente onírica e mesmo um figurativismo, em que se encadeiam símbolos como um escudo - que parece revelar o incontável tempo em que se desenrolam os conflitos – puxando ao fundo do mar uma flor, de esperança, de poesia, de paz. É como se o homem rumasse para o início de tudo – a vida começa na água – e, ao mesmo tempo, ao fim de tudo. O escudo – pelo seu formato e pelos algarismos romanos, que talvez marquem o século XII – poderia ser uma referência às Cruzadas, ou simplesmente o relógio-escudo queira evidenciar a décima segunda hora que se avizinha. A parte inferior do quadro, mais escura contrasta com a luz que atravessa a água do mar. O predomínio do azul não pode ser uma característica apontada como

freqüente na Obra de Nelson. Apesar disso, da cor serena, o quadro é extremamente melancólico, de movimentação mais suave do que o habitual. Se os “doutores” vão classificá-lo como Surrealista, ou qualquer outra coisa, não importa. É uma obra de arte!!!

3.4. A questão rural



(figura 12)

Nelson parece se preocupar bastante com a vida do homem no campo e suas problemáticas. A obra “Réquiem por Chico Mendes” (fig. 12) é uma prova disso. O quadro faz referência ao assassinato do líder ambientalista e seringueiro Francisco Mendes Filho, em dezembro de 1988, a mando de fazendeiros. Sobre o aspecto técnico, a construção é plasticamente bela, e apesar das colorações e da dramaticidade nos remeterem à obra-prima de Goya, “Os Fuzilamentos de 3 de Maio de 1808”, Nelson adiciona um elemento novo, não propriamente realista, mas figurativo: a flor que emerge da boca de Chico Mendes. Talvez para nos mostrar que o líder rural só falava da vida, do amor, da verdade e foi vitimado de tal forma. Quem sabe, uma referência a Vandrê sobre os que “acreditam nas flores vencendo o canhão”.

“Tortura e Morte no Campo” (fig. 2) denuncia os árduos dias do trabalhador rural, explorado, espoliado, torturado. Aquilo que o Ex-Secretário-Geral do Conselho Mundial de

Igrejas, Philip Potter definiu como “o crime mais cruel e bárbaro contra a pessoa humana.”³³ é retratado de forma contundente. O homem parece contorcer-se até a morte – se é que houve morte – e se mostra desnudo de toda e qualquer dignidade, reduzido à condição de coisa, atrelado ao Reino Vegetal do qual deveria poder retirar o seu sustento. A angústia é impressionante, e um registro histórico que não precisa de legenda.



(figura 13)

“Sertão de Caicó: Terra Seca e Carroça Abandonada” (fig. 13), nos mostra o dilema da seca. As nuances avermelhadas nos dão a idéia do calor, do sol agindo sobre a terra seca, sobre a mórbida vegetação. E a carroça, como se estivesse prestes a deslizar para o que seria sua destruição. Se restassem dúvidas sobre a relação entre os fatos registrados, o título acabaria com elas: a terra seca – seca até hoje – e o homem sem trabalho, sem ter como tirar o seu sustento.

3.5. A miséria

Nelson denuncia a pauperização com uma paixão que nos emociona e nos faz pensar em sua biografia. Leopoldo Nelson era psiquiatra de um posto da rede pública de Natal e, na

³³ ARNS, Paulo Evaristo (Org.). Brasil: nunca mais. p.17.

fila do cinema – com sua esposa – teria sido abordado por um paciente, com uma receita médica prescrita por ele e que o enfermo não tinha dinheiro para comprar o remédio. Indignado, jurou a si mesmo que largaria o emprego e jamais voltaria a clinicar.

Essa indignação pode ser observada em “O Curral das Éguas” (fig. 14), onde o artista põe, lado a lado, objetos de abate e nacos de carne de um vermelho vivaz e delicadas flores e uma silhueta feminina que parece bailar, em meio a um curral, um cortiço ou favela. A idéia que nos vem é a de que as construções desordenadas – amontoadas e disformes – poderiam ser identificadas como um conjunto de precárias habitações. É o inchaço populacional e quem sabe a pobreza que faz de seres humanos animais, em busca da sobrevivência, de mulheres, éguas. Ou, na obra “Mendiga” (fig. 3), de título lacônico, mas mordaz. Definitivamente sofremos um abalo emocional ao observarmos a mulher que se curva, mísera, derrotada, desiludida, em oposição à placa que paira sobre sua cabeça: “restaurante”. Esta obra nos acusa, nos conclama a tomar posição diante de um problema tão grave quanto a fome. As mãos magérrimas, deformadas, se espalmam e os cabelos parecem esconder o rosto envergonhado.

Mas, sem que parem dúvidas, a obra que, mais vivamente faz uma denúncia social é a obra que retrata de maneira deformada uma criança morta, e morta de fome! “Pronto Socorro: Criança Faminta” (fig. 15) é uma obra que emociona profundamente, que gera indignação e dor, os olhos, ainda mais arregalados do que o normal, retratam o sofrimento e a morte. O abdômen dilatado, o sangramento e o corpo esquelético da criança confirmam a patologia: fome. Com certeza, muitas outras pessoas, sobretudo da área médica viram pessoas mortas, até mortas dessa “incrível” doença, a fome. Mas, ousaria dizer que apenas um grupo muito seletivo de pessoas viu a morte de uma criança com a intensidade de Leopoldo Nelson, outrora médico. As extremidades deformadas se parecem com garras, e isso nos leva a pergunta: o que fizemos – e continuamos a fazer – com as nossas crianças?



(figura 14)



(figura 15)

3.6.Referências à Ditadura Militar

Há obras em que Leopoldo Nelson faz referência ao Regime Militar, instituído no Brasil em 1964 e que se estendeu até 1985, após anos de terror, de repressão, de tortura, e de poesia, de resistência, de fé, fé de artistas que como o próprio Nelson, acreditam em um futuro melhor. Senão, para que pintar? Por mais que haja pessimismo, há esperança de dias melhores. É o caso das obras: “Boina Gris”, “Réquiem pelos Desaparecidos” (fig. 6) e a própria “Tortura e Morte no Campo” (fig. 2), as duas últimas já citadas.

A personagem de “Boina Gris” (fig. 16) é, muito provavelmente, uma ativista política, uma líder guerrilheira – daqui ou de qualquer recanto da América Latina, que importa? O que nos sugere isso são, por exemplo, a sua boina – típica dos guerrilheiros – além da cor da sua camisa, o vermelho empregado comumente pelos socialistas. Se bem que reconheçamos ser a cor vermelha muito constante nas obras de Leopoldo. O olhar abatido da “guerrilheira” não parece ser desesperançoso, há um leve otimismo, talvez a melancolia de quem olha o passado e vê que a transição “lenta, gradual e segura” até que não é mal negócio. Talvez o otimismo de quem acha que conquistamos uma Anistia redentora, capaz de salvar o nosso país de nós próprios. Ela olha o futuro ou o passado? Ou, ambos? Ou, nenhum deles, e sim uma terceira dimensão existente em sua mente? Mas a guerrilheira “Boina Gris” marca a sua presença, se faz registrar, na mente e na tela de Leopoldo Nelson.



(figura 16)

E a homenagem fúnebre àqueles que enfrentaram o Regime aparece na obra “Réquiem Pelos Desaparecidos” (fig. 6). O sol de fogo intenso brilha, apesar da espessa camada negra que cobre toda a tela. Sob o túmulo, ou mesmo ao lado do cadáver, o pintor registra uma metralhadora, que talvez seja uma menção à luta armada, que se criou contra o Governo Militar. O vermelho não é tão vivo quanto em outros quadros, mas igualmente mortal, inquietante, agressivo. E, novamente, na morte brota uma nova vida, uma flor delicada – seja o verbo, ou a literalmente flor brotando da terra sobre nossos despojos – a flor significa a esperança. É a mansidão, a serenidade, a delicadeza em meio à treva.

3.7.O imaginário

Uma das temáticas mais talentosamente retratadas pelo artista norte-riograndense Leopoldo Nelson foi a reprodução do imaginário, a visão dos santos, anjos e elementos da mitologia judaico-cristã. Além do polêmico conjunto da “Via –sacra”, que não nos propomos a analisar devido a ter sido produzido na década de 1970, portanto, fora da nossa “jurisdição” em virtude das limitações do tempo de que dispomos e das próprias condições físicas das telas.

Mas, a título de esclarecimento e de registro histórico, compete-nos informar que das quatorze telas do conjunto supracitado, treze, foram retiradas, no mês de outubro deste ano, dos porões da arquidiocese de Natal e enviadas à Fundação José Augusto para serem

restauradas. A condição das obras é precária devido à má conservação e, sobretudo, pela fragilidade das telas utilizadas por Nelson, às tintas de curta durabilidade e ao fato do artista não preparar as telas com uma “base” de tinta, segundo a análise do Sr. Hélio de Oliveira – Coordenador de Atividades Museológicas da Instituição e responsável pelas restaurações da “Via-Sacra”. Há rachaduras e o tecido se encontra marcado e quebradiço, segundo Oliveira, isso se deu pela não utilização de suporte nas telas e pela pequena carga pictórica (superficial) característica do pintor que muitas vezes pintava com spray. Detalhes dessas obras seguem anexos, no final deste trabalho. No entanto, muitas outras telas foram pintadas, e passamos a comentar algumas delas.

Um aspecto interessante, que me chamou a atenção foi constatar que Leopoldo Nelson pintou muita “arte sacra” e não era uma pessoa religiosa como eu suponha, baseando-me nestes dados. Então, por que tantos santos? A resposta, talvez, seja a mesma que se aplique aos pintores barrocos. Na explosão do Barroco na Itália, Caravaggio e tantos outros se prestavam a reproduzir esta mesma temática. Naquela época (século XVII), a Reforma Católica estava em seu curso e a arte barroca era a propaganda a serviço do Catolicismo. Ou seja, as obras eram “encomendas”, muitas vezes, com temática definida. Assim, em outro contexto, mas, em um meio extremamente religioso, Nelson foi convidado – muitas vezes – a pintar o sagrado. Apesar de que, pelo que pude constatar, muito embora ele não demonstrasse a todos ter uma religião, possuía religiosidade – o sentimento que independe de sacerdotes e sacramentos. Contudo, sua arte sacra explora sempre a temática social, fazendo – a mais das vezes – um paralelo que rompe tempo e espaço. É o caso do conjunto “O Sermão da Montanha”, que detalhamos no quadro “A Bem-Aventurança” (fig. 17). O Cristo de Nelson está muito mais próximo do povo do que o Deus loiro de olhos azuis do Medievo. E, é claro que isto incomoda aos mais tradicionalistas, aos classicistas de sempre, como incomodavam as obras barrocas de Caravaggio, por exemplo. É um Cristo nordestino, simples demais, homem demais, para os que querem o “maravilhoso”, o Jesus majestoso “de olhos pequenos”, ou, quem sabe, o Deus hercúleo de Michelangelo Buonarroti. Houve casos mesmo de pessoas que desistiram da “encomenda” ao ver um quadro de Nelson acabado.



(figura 17)



(figura 18)

No “Cristo Morto” (fig. 9), o que vemos é um homem cansado, desfalecido como qualquer um de nós. A figura esquelética, desnuda e sofrida faz sangrar tudo ao seu redor. É a deformação da dor, de uma história escrita com letras de sangue. Em “São Francisco de Assis” (fig. 4), outra mostra daquilo que “Renascentistas eternos” não esperam encontrar, o real mundo das emoções. O Santo não é aquele tradicional modelo longelíneo, que o fiel costumava cultuar, mas – quem sabe – o homem das figuras talhadas pelos santeiros do sertão. Francisco é deformado, mas não chega a ser feio. E o pássaro de asas abertas parece gritar.

Em outra tela, “Frei Damião Bozzano” (fig. 18), o homem feito santo pelo devoto nordestino: Frei Damião. Como o Padre Cícero, ou Antônio Conselheiro, Damião foi extra-oficialmente canonizado, por muitos. Apesar de fugir aos padrões estéticos vigentes - até porque o frei era uma figura que transitava fisicamente entre os nordestinos, ao contrário dos outros santos e do próprio Cristo, e não é lembrado até hoje por sua beleza física – a figura inspira simpatia. O religioso, assessorado por uma mulher nos conclama a orar, a refletir. O detalhe do quadrilátero vermelho nos intriga, pois que parece obrigatória – a cor – nas telas de Leopoldo Nelson. Talvez tenha a ver com a associação que ele faz entre a cor e a divindade, na obra “A Criação – Beth” (fig. 19), que nos parece insinuar o hálito divino, o sol da vida, ou mesmo o “big bang” através da cor vermelha.



(figura 19)



(figura 20)

“O Apocalipse – Teth” (fig. 20) encerra neste trabalho, nossas análises, onde observamos símbolos da violência que pairam sobre nossas cidades, como a espada, o foice e a bola de ferro. A cidade parece dormir, enquanto a destruição espreita. Será que ele estava fazendo uma alusão ao dragão da inflação? Esta hipótese nos parece pouco provável, sendo possível uma referência às serpentes gigantes do imaginário popular. De fato, a obra nos fala de transformação, da morte de algo, para o nascimento de algo novo, a encruzilhada dos tempos que foi a década de 1980, em que recobramos uma relativa maturidade política, com nossos direitos assegurados, e no entanto, não nos fez mais fraternos. Talvez seja preciso o Apocalipse, ou talvez seja necessário apenas olharmos dentro de nós mesmos, como começou a fazer um certo Leopoldo...



(figura 21 – “Auto Retrato”)

CONCLUSÃO

Depois de vasculhar uma pequena porção da Obra Nelsoniana, passamos a entendê-la e respeitá-la um pouco mais. E o contexto histórico que através dela percorremos ficou muito mais “colorido”, mais vivo. Procuramos não privilegiar a nenhum aspecto, visão ou fato histórico, mas nos inclinamos àquilo que as telas nos queriam revelar, e às nossas possibilidades de apreensão.

A arte do nosso Estado e, em particular, da nossa cidade quatrocentenária é bem mais rica do que olhos apressados podem ver e do que a estreiteza, que por vezes campeia nas universidades, pode permitir. Precisamos ir além, além do dito “belo”, além do direito de voto, além do “milagre”, econômico ou não, além, sempre além. Porque quando formos além, estaremos sequiosos para buscar mais.

Nossa história da década de 1980 se confunde com a nossa própria década de 1990, pois, se outrora rumávamos para uma nova era – e como a esperávamos cheios de expectativas – a era do exercício democrático, agora rumamos para um novo milênio e parece que ainda não aprendemos, pois há porões transbordando, enquanto outros transbordam de ausência. É muito difícil – como constatamos – manter essa visão de totalidade, de que tudo está interligado, e essa visão começou a ser redescoberta nos anos 80, quando os soviéticos perceberam que não podiam antagonizar a quem quer que fosse, sem promover sua auto-destruição. Essa etapa estudada nos fez beber um pouco dessa euforia democratizante e liberalizante, que se assemelha em muitos aspectos a neoliberalizante do Plano Real. Cruzado e Real se confundem como as obras de Caravaggio, Goya ou Dalí, ou Nelson, ou tantos outros que ninguém se dignou ainda a estudar.

Sobra arte e história na arte, mas falta coragem e competência para iniciar esta empreitada. Esperamos com este trabalho, abrir um precedente para que outros colegas de ciência, mais bem aparelhados, possam se lançar à pesquisa e ao deleite da descoberta. Não do

Brasil do “Ame-o ou deixe-o” e da “oitava economia do mundo”, mas do Brasil de miséria e, no entanto, de solidariedade. Não do Brasil de “craques tipo exportação” do tri ou do tetra campeonato mundial de futebol, mas do Brasil de crianças que morrem de fome e que esperam alguma providência de pessoas como nós – em torno de 5% dos brasileiros – que têm acesso ao Ensino Superior.

Temos que fazer “leituras” e “releituras” da nossa sociedade, com seus anônimos heróis de mãos calejadas, que oram, que crêem e que fazem aquilo que lhes foi determinado, o seu papel no Mundo. Mas, também de homens que transgridem, que transformam, que são portadores de tênue lucidez, mas que não são catalogados nos anais como “heróis”. Homens como Leopoldo Nelson, que serão lembrados como cientistas, e como artistas, mas, sobretudo como homens, autênticos em suas convicções – erradas ou não. Eis um exemplo a ser seguido, com todas as ressalvas críticas que se possa fazer, e, no entanto, com toda a poética que se possa ver. Um dos erros que cometi foi o de não ter conseguido traduzir o brilho nos olhos de Dona Margarida, viúva de Leopoldo, com a mesma intensidade com que a minha indignação descreveu o episódio da Catedral de Natal. É, afinal, o mundo que ele vê – e pinta – vendo a ele próprio, nessa maravilhosa dialética que tentamos esboçar.

Provavelmente, não disse novidades que fossem acessíveis apenas a mim, no entanto agrupei-as do meu jeito. Eis a minha contribuição. Todavia, sei que há muito a ser feito, afinal tratam-se de quase duas mil obras e muito mais do que dois mil anos de História. Quem sabe, não percorrerei, novamente, estes mesmos caminhos, de poesia, de emoção, de História. Por enquanto, essa é a minha contribuição, e parafraseando Hegel ³⁴: Eis o ponto alcançado pelo meu espírito.

³⁴ HEGEL, Georg W. F. A razão na história: uma introdução geral à filosofia da história. p. 7.

BIBLIOGRAFIA

- ARAÚJO, Iaperi. **Elementos da arte popular**. Natal: UFRN, 1985.
- ARNS, Paulo Evaristo (Org.). **Brasil: nunca mais**. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 1985.
- BAZIN, Germain. **Barroco e rococó**. São Paulo: Martins Fontes, 1993.
- CALDAS, Dorian Gray. **Artes plásticas no RN: 1920-1989**. Natal, UFRN / Editora Universitária : FUNPEC : SESC, 1989.
- CASTRO, Gustavo de, CARVALHO, Edgar de Assis, ALMEIDA, Maria da Conceição. **Ensaio de complexidade**. Natal: EDUFRN, Porto Alegre: Sulina, 1997.
- CAVALCANTI, Carlos. **História das artes: da renascença fora da Itália até nossos dias**. 3. ed. Rio de Janeiro: Ed. Rio, 1978.
- CIVITA, Vitor (Ed.). **Arte no Brasil**. São Paulo: Nova Cultural, 1986.
- COSTA, Cristina. **Arte: resistências e rupturas (ensaio de arte pós-clássica)**. São Paulo: Moderna, 1998. (Coleção Paradoxos).
- CUMMING, Robert. **Para entender a arte**. São Paulo: Ática, 1996.

DESCHARNES, Robert, NÉRET, Gilles. **Salvador Dalí: 1904-1989**. Roma: Taschen, 1993.

ELGER, Dietmar. **Expressionism: a revolution in german art**. Berlim: Taschen, 1994.

GESSINGER, Humberto. **Longe demais das capitais**. São Paulo: RCA, 1991. 1 cd (37min.).

HEGEL, Georg Wilhelm Friedrich. **A razão na história: uma introdução geral à filosofia da história**. São Paulo: Moraes, 1990.

LEITE, Leopoldo Nelson de Souza. **Canto pelo terceiro mundo**. Natal, 1989. (inédito)

_____. **Gravuras e fragmentos autobiográficos**. Natal: Editora Universitária, 1981.

_____. **Cronologia, críticas e depoimentos**. Natal, 1990. (inédito)

LOPEZ, Luiz Roberto. **História do Brasil contemporâneo**. 3. ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1987.

MACHADO, João Batista. **Como se fazia governador durante o regime militar: o ciclo biônico no RN (de 1970 a 1982)**. Natal: RN Econômico, 1995.

MENDONÇA, Sônia Regina de, FONTES, Virgínia Maria. **História do Brasil recente: 1964 – 1992**. 3. ed. São Paulo: Ática, 1994. Série Princípios.

MORIN, Edgar. **Introdução ao pensamento complexo**. 2. ed. Lisboa: Piaget, 1995.

NUMERIANO, Roberto. **O espírito das leis**. Recife, 1992. Monografia – UFPE.

PROENÇA, Graça. **História da arte**. 9. ed. São Paulo: Ática, 1997.

ROSNAY, Joël de. **O macroscópio: para uma visão global**. Lisboa: Estratégias Criativas, 1995.

SOUSA, John Alex Xavier de. **Pérolas (Ir) regulares: arte e cultura nos templos barrocos do nordeste do Brasil**. Natal: 1999. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – UFRN.

WÖLFFLIN, Heinrich. **Renascença e barroco**. São Paulo: Instituto Walther Moreira Salles, 1983. v. 1.

ANEXOS



Estes são detalhes do polêmico conjunto da Via Sacra pintada na década de 1970 e que estão sendo restaurados na Fundação José Augusto, devido ao seu estado lamentável. Infelizmente não nos foi possível identificar os quadros ora detalhados.

Em seguida a obra "América Latina!" (óleo sobre tela, 80x60), pintada em 1986, pertencente ao acervo da Capitania das Artes, que promoveu uma exposição coletiva, entre os dias 11 e 29 de Junho de 1999, contando com várias obras de Leopoldo Nelson.

